



Rua da Restauração, 6
4050-499 Porto, Portugal

Espaço C.A.M.A.
Alameda Lorena, 1257, casa 4
Jardins, São Paulo, Brasil

T +351 226 004 927
info@kubikgallery.com

02 abr / 18 jun 2022

PARAÍSO DA MIRAGEM

Silêncio Coletivo

1.
MITOS E ILUSÕES #4,
2022
Azulejos portugueses, buzios e tinta látex sobre MDF hidrofugado
[Portuguese tiles, cowrie, latex paint on MDF]
81 x 122,5 x 4,5 cm

2.
MITOS E ILUSÕES,
2022
Instalação de parede - azulejos portugueses, compensado naval, ogo de exu, maiô, palha da costa e tinta látex)
[Wall installation - portuguese tiles, naval plywood, ogo de exu, maiô [artifacts of brazilian origin], hay from coast and latex paint]
Dimensões variáveis
[Variable dimensions]

3.
SEREIA,
2022
Impressão digital sobre papel fotográfico montada em moldura de cerâmica
[Digital print on photographic paper mounted on a ceramic frame]
53 x 32 x 4,5 cm
5 + 2 PA

4.
DO PÓ AO PÓ,
2022
Vaso cerâmico, sistema de som e simulação de grãos e pós (café, cocaína, açúcar e cartuchos de munição)
[Ceramic pot, sound system and simulation of grains and powders (coffee, cocaine, sugar, ammunition cartridges)]
91 x 50 x 60 cm

5.
MESA POSTA,
2022
Louças portuguesas, impressão digital sobre papel alumínio, impressão digital sobre papel off-set, embalagens de açúcar, perfil de alumínio, cartas e peças de jogo de tabuleiro sobre MDF
[Portuguese porcelain, digital print on aluminium paper, digital print on off-set paper, sugar packages, aluminium profile, cards and pieces of board game on MDF]
128 x 42 x 10 cm

6.
MITOS E ILUSÕES #1,
2022
Azulejos portugueses, quartinha de barro, palha da costa e tinta látex sobre MDF hidrofugado
[Portuguese tiles, clay pot, hay of the coast, latex paint on MDF]
80 x 24 x 13,5 cm

7.
MITOS E ILUSÕES #2,
2022
Azulejos portugueses, cabaças secas, palha da costa e tinta látex sobre MDF hidrofugado
[Portuguese tiles, dry calabashes, hay of the coast, latex paint on MDF]
81 x 122,5 x 10 cm

8.
MITOS E ILUSÕES #3,
2022
Azulejos portugueses, palha da costa e tinta látex sobre MDF hidrofugado
[Portuguese tiles, hay of the coast, latex paint on MDF]
122,5 x 81 x 12 cm

9.
MIRAGEM (PRIMEIRO CORTE),
2022
Vídeo em loop [Video in loop]

**KUBIK
GALLERY**

facebook.com/kubikgallery
instagram.com/kubikgallery
twitter.com/kubikgallery
kubikgallery.com

KUBIKGALLERY

[PT] PARAÍSO DA MIRAGEM

Texto:

Carolina Lauriano

Paraíso da Miragem é o nome do último álbum solo lançado pelo cantor baiano Russo Passapusso. Na canção *Paraquedas*, é evocada uma cidade carregada de contradições, que acarretam, diretamente, consequências em uma parcela de sua população.

Contradições essas, que se evidenciam quando o cantor nos apresenta ao mesmo tempo uma cidade paraíso, a qual deveria permitir a seus moradores momentos de lazer e relaxamento, que facilmente são desmontados quando Passapusso canta que "andam dizendo por aí que você nunca vai parar para descansar". Porém, o cantor e compositor nos mostra, que a única alternativa de romper com essa lógica, seria a de um salto de paraquedas "pra tu parar de guerra, pra tu parar de dor, pra tu parar de medo ... pulou caiu seguro no chão" .

Dessa forma, o duo *Silêncio Coletivo* - formado pelos artistas Igor Vidor e Jaime Lauriano - se debruça sobre a letra enquanto metáfora para discutir paralelos históricos e mitos heroicos estabelecidos entre Portugal e Brasil, especialmente se pensamos que uma nação foi constituída a partir da exploração - fossem dos corpos escravizados, ou dos recursos naturais - para que o outro pudesse prosperar, enquanto gozava de seus privilégios.

E parte desse pensamento está presente no conjunto de pinturas criadas para a exposição. Partindo da representação de uma paisagem idílica de um pôr-do-sol, ao nos colocar de frente a esse momento de contemplação, os artistas colocam em xeque a noção de um futuro paradoxal, que parece estar posto no horizonte, mas que ao mesmo tempo nunca se concretizará.

Uma alegoria para analisar dois países que vivem nesse congelamento temporal: Portugal ainda calcado no seu passado de glória dos "descobrimentos" e Brasil como esse país do futuro, mas que também é passado. E essa reafirmação é feita pelos artistas quando eles crescem nas pinturas objetos garimpados em feiras populares, lojas de souvenirs, mercados de pulgas, lojas de artigos religiosos e terreiros de candomblé, criando assim uma sobreposição e justaposição histórica entre dominação e resistência.

A azulejaria portuguesa, com seus desenhos de caravelas, permanece até hoje no imaginário popular como ideia de um passado glorioso de grandes feitos e "descobertas", a inserção de elementos de religiões afro brasileiras sobre esses azulejos, discute a própria violência que o mito da democracia racial impôs à sociedade brasileira (mas não só a ela). Essa série de pinturas me faz pensar em um possível apontamento da dupla sobre a ficcionalização da história, para que ela continue perpetuando vulnerabilidades, criando assim um ciclo quase imutável

Jaime Lauriano (São Paulo, 1985)

Vive e trabalha em Porto. Gradouou-se pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, no ano de 2010. Entre suas exposições mais recentes, destacam-se as individuais: Marcas, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil, 2018; Ao Norte do Rio, Sesc Santana, São Paulo, Brasil, 2018; Brinquedo de furar moletom, MAC Niterói, Rio de Janeiro, Brasil, 2018; Assentamento, Galeria Leme, São Paulo, Brasil, 2017; Nessa terra, em se plantando, tudo dá, Centro Cultural Banco do Brasil, Rio de Janeiro, Brasil, 2015; Autorretrato em Branco sobre Preto, Galeria leme, São Paulo, Brasil, 2015; Impedimento, Centro Cultural São Paulo, São Paulo, Brasil, 2014; Em Exposição, Sesc, São Paulo, Brasil, 2013; e as coletivas: Vaivém, Centro Cultural Banco do Brasil, São Paulo, Brasil, 2019; A Queda do Céu, CAIXA Cultural Brasília, Brasília, Brasil, 2019; Quem não luta tá morto – arte democracia utopia, Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil, 2018; Histórias Afro-Atlânticas, MASP e Instituto Tomie Ohtake, São Paulo, Brasil, 2018; The World’s Game: Fútbol and Contemporary Art, PérezArt Museum Miami, Miami, EUA, 2018; 11a Bienal de Artes Visuais do Mercosul, Triângulo do Atlântico, Porto Alegre, Brasil, 2018; Levantes, SESC Pinheiros, São Paulo, Brasil, 2017; Festival de Arte Contemporânea Sesc_Videobrasil, São Paulo, Brasil, 2017; Metrópole: Experiência Paulistana, Estação Pinacoteca, São Paulo, Brasil, 2017; WELT KOMPAKT?, frel_raum Q21, Viena, Áustria, 2017; How to Remain Silent, A4 Arts Foundation, Cidade do Cabo, África do Sul, 2017; To- temonumento, Galeria Leme, São Paulo, Brasil, 2016; 10TH Bamako Encouters, Museu Nacional, Bamako, Mali, 2015; Empresa Colonial, Caixa Cultural, São Paulo, Brasil, 2015; Frente a Euforia, O cina Cultural Oswald de Andrade, São Paulo,Brasil, 2015; Tatu: futebol, adversidade e cultura da caatinga, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil, 2014; Taipa-Tapume, Galeria Leme, São Paulo, Brasil, 2014; Espaços Independentes: A Alma É O Segredo Do Negócio, Funarte, São Paulo, Brasil, 2013; possui trabalhos nas coleções públicas Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Rio de Janeiro, Brasil; Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Brasil; MAC Niterói, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; MAR – Museu de Arte do Rio, Rio de Janeiro, Brasil; MASP – Museu de Arte de São Paulo, São Paulo, Brasil; Museu Casa das Onze Janelas, Belém, Pará, Brasil; Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil e Schoep in Stiftung: The Collec- tion, Lörrach, Alemanha.

Igor Vidor (São Paulo, 1985)

vive e trabalha entre Porto/Portugal e Berlin/Alemanha. Gradouou-se pelo Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, no ano de 2010. Entre suas exposições mais recentes, destacam-se as individuais: Igor Vidor IBB-Video Space, Berlinische Galerie Museum Für Moderne Kunst, Berlin, 2021; Violence as Commodities, LOAF Laboratory of art and form, Kyoto, 2021; Trama, Core - Haus der Statistik, Berlin, 2021; New Viewings- Alegoria do Terror, Barbara Thumm Galerie, Berlim, 2020; Alegoria do Terror, Künstlerhaus Bethanien, Berlin, 2020; Heróis nunca celebram vilões / Heróis apenas celebram vilões, Gale- ria Leme, São Paulo, 2018; e as coletivas: Against Again: Art Under Attack in Brazil, John Jay College of Criminal Justice, Nova Iorque 2020; REconhecimento, Solar do Abacaxis, Rio de Janeiro, 2019; Com o ar pesado demais para respirar, GaleriaAthena, Rio de Janeiro, 2018; The World’s Game: Fútbol and Contemporary Art,Perez Museum, Miami, 2018; Bienal do Mercosul, Porto Alegre, 2018; Dove Audio Video Festival, Sewoon Arcade, Seul, 2017; Montage is a Heart Beat, Deep in theMountains Residência Internacional, Seul, 2017; California Paci c Triennial, in occasion of Nancy Popp installation, Orange County Museum of Art, Orange County, 2017; São Paulo não é uma cidade, Sesc 24 de Maio, São Paulo, 2017; 30 anos Instituto Itaú Cultural, Oca São Paulo, São Paulo, 2017; Quando o mar se tornou Rio, Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, 2017; No Man’s Land, NationalMuseum of Modern and Contemporary Art Korea, MMCA, Seul, 2016; Young Artists Project 16, Daegu Art Square, Daegu, 2016; A cor do Brasil, Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, 2016; Jogos do Sul, Hélio Oiticica Cultural Center, Rio de Janeiro, 2016; Linguagens do corpo, Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, 2016; Permanências e Destruições, Torre H, Rio de Janeiro, 2016; 1a Imagem e Movimento, Casa França-Brasil, Rio de Janeiro, 2016; Frestas, Trienal de Artes, SESC Sorocaba, 2014; Tatu: Futebol Adversidade e Cultura da Caatinga, Museu de Arte do Rio - MAR, Rio de Janeiro, 2014.

de exploração para o enriquecimento da herança da coroa e suas capitânias.

Lógica que também é aplicada a escultura "Do pó ao pó". Nela, os artistas sobrepõem materiais que simulam commodities como açúcar, café, pólvora e alcaloides, produtos que - desde a chegada de Portugal ao Brasil, até o contemporâneo - são lugares de disputa do mercado e que reacendem essa onda de violência financiada pelo livre comércio e lei de oferta e procura internacional, e que desencadeiam uma série de outras violências e disputas de poder dentro do território nacional, vide as lutas indígenas em defesa do seu território, a atuação do tráfico de drogas nas comunidades, ou mesmo a disparada do preço do ouro por conta da atual guerra na Ucrânia.

Esse assunto é retomado no vídeo-ensaio criado pela dupla a partir da versão portuguesa do jogo *Monopoly, a Odisseia dos Descobrimentos*. Nele a dupla apresenta trechos das regras do jogo - que enfatizam essa corrida pelas commodities, - a materi- ais históricos, que vão de textos oficiais, até visitas a museus que exaltam as “viagens” ultramarinas portuguesas, passando por imagens aéreas de monumentos as personalidades que iniciaram essa empreitada.

Por fim, os artistas apresentam materiais que compõem seu acervo fotográfico e imagens audiovisuais, que foram capturadas durante viagens de pesquisa de campo em algumas cidades portuguesas. Nestas imagens podemos ver a grande presença de símbolos que exaltam as navegações e seus “heróis”. Seja em monumentos, ou em painéis de azulejo, percebemos como a História é transmitida sem as devidas contextualizações.

É nessa interpolação de tempos entre passado, presente e futuro que Paraíso da Miragem nos propõe um olhar para além da história que está sendo contada pela oficialidade. Se em *Paraquedas*, Passapusso termina sua música, cantando "essa é uma história igual"; aqui, o duo Silêncio Coletivo faz um convite, especialmente materializado na fotografia *Sereia*, a pensar que para a história não mais se repetir, precisamos romper com os pactos coloniais que ainda se estabelecem como manutenção de poder.

O horizonte não pode ser apenas uma miragem. Ele precisa ser possível para todos.